



Desde Abril de 2000

rascunho

208

Ago. 2017

O JORNAL DE LITERATURA DO BRASIL

ARTE: MARCO JACOBSEN





translato

EDUARDO FERREIRA

PASSEIO EM BUDAPESTE

Budapeste. Não a cidade, mas o romance de Chico Buarque. E o filme homônimo, de Walter Carvalho. Depois, novamente, a cidade. Cidade partida em duas; duas partes unidas pela ponte. Penso no texto e sua tradução. Penso em sua tradução, o filme. Buda e Peste. O escritor anônimo de Chico Buarque. A compulsão por aprender um novo idioma, um novo texto. Apreendê-lo até torná-lo totalmente seu, sem que ninguém possa dizer que não é seu desde o início. Nem mesmo ela, húngara, de língua materna húngara.

Assim é Budapeste, a cidade. Dividida pelo Danúbio e pela história, unida pela política. Entre Buda e Peste, a ponte. A tradução. A vontade de conquista, de chegar ao outro lado do rio, de tornar sua a outra margem. A tradução como instrumento de invasão.

Assim é Budapeste, o romance. E o filme, sua tradução. O escritor anônimo, gênio enrus-

tido, operário das letras explorado. A cidade estrangeira como refúgio. Uma cidade que honra o autor oculto. O homem sem rosto. A estátua de capuz. O tradutor.

O autor oculto sonha em mudar de vida. Muda de vida. Muda de mulher. Muda de cidade. De uma cidade partida a outra. Muda de país. Muda de pátria. Muda de língua.

A transição é longa, mas ele é tenaz. O amor pelas letras e pela nova mulher o conduz. A nova cidade é fria e dividida. De Budapeste vê o rio. Horas a olhar o rio, de uma margem. Da outra margem. De cima da ponte. O rio é também a língua, que passa, corre, atravessa, divide. Uma língua em cada margem. O autor oculto quer dominar as duas.

E as domina. Faz a transição completa. Transforma-se em outro para escrever em outra língua. Muda tudo. Escreve um novo texto. Já fora sucesso no Rio, agora o mesmo fará em Budapeste. Como escritor oculto, de novo. Não lê seu nome na capa. Mas sente o doce sabor do sucesso, que lhe sabe efêmero como antes.

É como o tradutor, que tampouco vê seu nome na capa. Tampouco vê-se reconhecido pelo texto que, afinal, ele mesmo escreveu. Palavra por palavra. Desvendando palavra a palavra a língua estrangeira. Também fez toda a transição. Também atravessou a ponte e foi de Buda a Peste, do Rio a Budapeste. Trilhou todo o percurso. Chegou à outra margem. Construiu com o próprio suor a ponte que leva

o leitor à outra margem. A ponte necessária, de José Paulo Paes.

É isso que impressiona em Budapeste. A ponte que une o que o rio separa. A vida toda dedicada a escrever o texto que levará a assinatura do outro, ainda que o outro já nem esteja para assiná-lo. Já nem queira mais assiná-lo e sequer o reconheça como seu. Pois o texto já é outro, na tradução.

É isso que impressiona em Budapeste. O esforço sobre-humano de quem deixa a própria língua para trás e começa a até sonhar na língua da outra. E quem poderia culpá-lo? Basta ler o livro, basta ver o filme. Ou fazer um passeio em Budapeste.

É isso, no fundo, que impressiona quem vê Budapeste. A metamorfose de um escritor que se transforma, ele mesmo, em língua estrangeira. Para nunca mais ser estrangeiro. Ainda que o sotaque de uma região distante lhe pregue uma peça.

No fim, já nem lembro mais se li mesmo o livro ou se só vi o filme. Em Budapeste, com certeza, jamais estive. Na memória ficou o filme e alguns textos esparsos. Na memória se me apagou o texto original. Só me ficou sua tradução, o filme; e o sonho de quem queria transportar-se para outra língua. E provar-se, para si mesmo, para a nova cidade, para a nova língua; provar que nela pode ser tão oculto como o fora em sua própria. 🍷

**rascunho**

O JORNAL DE LITERATURA DO BRASIL

desde 8 de abril de 2000

Rascunho é uma publicação mensal da Editora Letras & Livros Ltda.

Caixa Postal 18821
CEP: 80430-970
Curitiba - PR

-  RASCUNHO@RASCUNHO.COM.BR
-  WWW.RASCUNHO.COM.BR
-  TWITTER.COM/@JORNALRASCUNHO
-  FACEBOOK.COM/JORNAL.RASCUNHO
-  INSTAGRAM.COM/JORNALRASCUNHO

EDITOR

Rogério Pereira

EDITOR-ASSISTENTE

Samarone Dias

MÍDIAS SOCIAIS

Livia Costa

COLUNISTAS

Eduardo Ferreira
Fernando Monteiro
João Cezar de Castro Rocha
Jonatan Silva
José Castello
Nelson de Oliveira
Raimundo Carrero
Rinaldo de Fernandes
Rogério Pereira
Tércia Montenegro
Wilberth Salgueiro

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

Adriana Lisboa
André Argolo
André Caramuru Aubert
Claudia Nina
Cristiane Bouger
Daniel Falkemback
Edson Cruz
Eduardo Langagne
Franz Wright
Gabriela Silva
Gisele Eberspächer
Haron Gamal
Kátia Bandeira de Mello-Gerlach
Luiz Horácio
Marcos Hidemi de Lima
Wandersson Hidayck
Wladimir Saldanha

ILUSTRADORES

Bruno Schier
Dê Almeida
Fábio Abreu
Fabiano Vianna
Fábio Abreu
Igor Oliver
Marco Jacobsen
Matheus Vigliar
Osvalter

DESIGN

Thapcom.com

IMPRESSÃO

Press Alternativa



rodapé

RINALDO DE FERNANDES

AS PASSAGENS BENJAMINIANAS: LEITURAS (2)

Passagens, de Walter Benjamin, conforme Willi Bolle, constituem “uma referência obrigatória nos estudos interdisciplinares de Literatura, História, Geografia, Ciências Sociais e Filosofia”. A gênese de **Passagens**, o ponto de partida para a sua construção, foi o romance **O camponês de Paris** (1926), do surrealista Louis Aragon. **O camponês de Paris**, conforme ainda Bolle, relembra “as ‘passagens’ ou galerias de compras na Paris do século 19, que ofereciam ao consumidor burguês um am-

biente que reunia as atrações da rua e o conforto do seu lar”. Observa também Bolle que “a capacidade visionária de Benjamin de estudar a metrópole moderna a partir dessas construções é atestada pela enorme importância que têm as lojas de departamentos e os shopping centers nas nossas cidades contemporâneas”. Na entrevista à *Folha de S. Paulo*, citada na coluna anterior, Willi Bolle argumenta que as passagens daquele tempo deram origem aos atuais shopping centers: “As passagens do século 19 enquanto ‘templos do capital mercantil’

são precursoras dos shopping centers de fins do século 20 e início do nosso século. Ambos são espaços reservados para aquela parte da população que tem dinheiro; são o lugar para fazer compras, tomar refeições, encontrar pessoas e desfrutar de entretenimentos, numa atmosfera de proteção e segurança. Ao mesmo tempo, são espaços vedados aos pobres, lugares de exclusão social, documentos de uma sociedade dividida”. O método de Benjamin, em **Passagens**, seria estudar Paris como “paradigma da metrópole moderna”, e no enfoque de sua obra caberá necessariamente uma abordagem interdisciplinar, “abrangendo História, Geografia, Sociologia, Antropologia, Literatura e Mídia”. Willi Bolle, por fim, propõe relações “entre a metrópole de Paris, no século 19, e a metrópole de Berlim, durante a República de Weimar e o nazismo, além de afinidades e diferenças com megacidades da América Latina nos tempos atuais, como São Paulo, Buenos Aires e Cidade do México [...]”. 🍷

O ESPAÇO NEGATIVO

CRISTIANE BOUGER

ilustração: **Fabiano Vianna**

Todas as coisas estavam ali dispostas. As peculiaridades em seus devidos lugares, o silêncio habitando o espaço entre objetos. Por um momento a paisagem pareceu estar suspensa naquela tarde sem nuvem, como se desprovida de continuidade em qualquer direção no tempo. Som algum — fosse de pássaro ou folha, carro ou avião — se ouviu naquele instante solto de relógios. A luz atravessava os galhos da figueira e adentrava a janela iluminando o envelope sobre a mesa de imbuíva. Sobre o papel pardo, duas fileiras de selos com escudaria medieval. A cada lado do brasão, um leão azul cobalto diante do seu duplo. Ornamentos monárquicos em vermelho e sépia adornam os leões, cintilando com a luz aveludada do fim da tarde.

Ela observa o envelope.

Sete anos haviam transcorrido até que o livreiro austríaco pudesse localizá-la. Agora o caderno de couro repousa sobre a mesa, abrindo um corte no tempo e anunciando o prelúdio de infinita contemplação a revigorar o íntimo de Clarice. Sem oscilar o gesto, ela abre o envelope e desembrolha o caderno protegido pelo tecido de algodão. Seus olhos reencontram as nuances do marrom e as pequenas marcas que o uso e o tempo imprimiram sobre a sua superfície macia. O cheiro do couro a atravessa, indelével. A memória acelera os sentidos atualizando fragrâncias, pontes e olhos estrangeiros — a livraria, um filme sem legendas, o casal tcheco em Istambul. Pelos nós dos cadarços de couro cru que amarram capa e contracapa, era possível reconhecer o trabalho meticuloso de um artesão com orgulho do seu ofício. Foi o que Clarice deduzira na tarde em que comprara o caderno, com a certeza de haver encontrado o presente perfeito para Antônia. Na parte inferior da contracapa repousava a assinatura de *K. Franta*, marcada com um carimbo de pressão.

Ela aproxima o caderno do rosto. Quer respirá-lo, sentir sua pulsação aderir ao invólucro que guarda a caligrafia tão querida. Sem pressa ela folheia as páginas com desprentiosa antecipação, lendo apenas palavras soltas na escrita flutuante de Antônia. Nenhuma palavra, nem mesmo uma sílaba ou artigo, toca as linhas das páginas. Clarice se vê absorva em

uma fração de tempo suspenso, insubstanciável. Com os olhos fixos na caligrafia, percebe uma ansiedade quase controlável, um misto de entusiasmo e economia da própria expectativa. E qual criança que guarda o presente para fitá-lo em hora menos afoita, preenchendo-se da mesma alegria por duas vezes, ela aguardará o anoitecer para ler o caderno de Antônia. Observará agora apenas o contorno das letras, a parte superior dos *tes* sempre soltas a sobrevoarem *erres* e *enes*, como revoada de pássaros migrando pensamentos a cada página. Em seus traços a lápis, uma criança com longos cabelos ao vento, um tuareg, o perfil de um pássaro... Todos carregam expressões distintas, como personagens com promessas não reveladas. Na página ao lado, diagramas de mapas celestes, uma lista de sinônimos e um poema abandonado. Clarice olha em direção à janela, de onde vem o canto sem resposta de um pássaro na figueira. Ela coloca o caderno sobre a cômoda. Irá preparar a sua xícara de café, ainda suspensa na caligrafia.

...

O caderno nas mãos e os olhos a atravessar o tempo. Um desejo lúdico e abstrato emana de Clarice ao reconhecer nas palavras de Antônia a expectativa e o ardor pelo novo. O perfume da alfazema no criado-mudo mistura-se agora à geografia dos Balcãs e do Tanger, enquanto ela observa a pressão da caneta sobre as folhas e a topografia que a escrita negra criou na gramatura do papel. Topografia revelada pelo detalhismo do seu olhar e pela cumplicidade com Antônia.

Clarice conhece bem estes espaços entre as letras, sua vazão e excedência. Entre os fluxos e camadas de sentido que pulsam naquela escrita, havia ainda uma série de informações não racionalizadas, mas preenchidas da existência a transbordar nos espaços negativos da caligrafia. Clarice sabia ler os espaços silenciosos, reconhecer a precisão dos começos em *ges* e *erres* alongados, presunçosos de uma espacialidade dilatada; mas também a suspensão

das pontuações, declarando o vazio opaco e a sensação de impotência que marcavam a expressão no rosto de Antônia em dias menos calorosos.

Sempre fora assim. Antônia e Clarice criavam uma silenciosa cumplicidade sobre as particularidades de todas as coisas. Não havia espaço pequeno ou ação ordinária que subjugassem. Na disposição dos sabores sobre os pratos que preparavam ou nos desenhos com giz revelando a intimidade heroica e cômica do amor, teciam um pacto diário de detalhes que reafirmavam sua comunhão e o estado de querer-se bem.

Ler Antônia era como compartilhar não apenas do que os seus olhos viram, mas também de como absorveram as paisagens e os afetos. E ao finalizar um parágrafo ou chegar à síntese de um pensamento, Clarice voltava a se surpreender com a materialidade daquele caderno em suas mãos. Seu peso e sua textura tangíveis guardando todo o intangível na fina linha de uma escrita. Passa-

va então, a contemplar a unidade precisa e íntima da caligrafia, divagando sobre sua capacidade de sobrepujar a morte. A escrita como prova da existência que ancorou ali o seu nome; não mais uma existência na cadeia de eventos, mas o registro de uma unidade de pensamento articulada em uma fração do tempo que nos supera e ultrapassa. Mas o que nos escapa também se inscreve em nós.

A ausência irreversível faz a lágrima escorrer pelo rosto de Clarice. Por que a ausência tanto nos aflige? Não seria a ausência um paralelo ao espaço negativo no qual repousa a escrita que contemplava ainda há pouco com leveza? Espaços não preenchidos onde se derama o que não fora dito... não seria a nossa existência tão repleta destes espaços de ausência? E esta ausência, tão repleta de preenchimentos — um paradoxo, sim. Um paradoxo que acompanha a nossa existência e a relação com tudo o que nos escapa. Que será, afinal, o tempo para o que cessa de mover-se?

Nas mãos de Clarice esta escrita passa a ressoar uma tessitura distinta, maleável. Torna-se não apenas o instante em que os olhos fixaram na retina cada uma daquelas apreensões, mas todo um conjunto de fibras formando um tecido complexo e vasto de reconstruções de acontecimentos e percepções que precedem o momento em que a ponta da caneta toca o papel e desliza marcando a sua superfície. Nas palavras escolhidas por Antônia e nos momentos que registrou havia a experiência viva e articulada de toda a sua existência. Na cadência da sua forma de transmitir pensamentos e também nas páginas abandonadas. Os espaços negativos — como são preenchidos em seu aparente vazio. Como são apenas aparentes, as ausências.

A noite avança. Clarice está prestes a adormecer com o caderno sobre o seu ventre, seus pensamentos entrelaçados aos de Antônia. Ao aroma de alfazema misturam-se o cheiro do couro e os *efes* esvoaçantes. Sob o céu marroquino, a criança de longos cabelos desenha azulejos geométricos. Leões em traços medievais adornam os seus cabelos. Inequívoco, o timbre da voz de Antônia: ela a convida para descer do carro e molhar os pés no mar.

E como é próprio do instinto e do entressonho, Clarice concentra-se na voz, temendo um dia esquecê-la. 🍷



CRISTIANE BOUGER

Nasceu em 1977, em Curitiba (PR). Foi editora colaboradora do *Movement Research Performance Journal* (2006–2012, Nova York); escritora residente da *Performa Magazine* (2012–2013, Nova York). Em 2009, recebeu o prêmio de poesia da Brazilian Endowment for the Arts (EUA). Tem textos publicados nas revistas *Bacamarte* (2016) e *Bólide* (2014) e integrou a antologia *Fantasma civil*, da XX Bienal Internacional de Curitiba (2013).